

# DA DISSUAÇÃO À RECONSTRUÇÃO: O IRÃ À BEIRA DE UMA NOVA ORDEM REGIONAL

*Após meses de uma guerra devastadora, o acordo EUA-Irã revela mais do que um cessar-fogo: expõe o fracasso da estratégia de pressão máxima e a ascensão de uma nova lógica onde a dissuasão iraniana redesenhou os limites do poder americano na região.*

**Ghadir Golkarian\***



*Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

**N**as relações internacionais, alguns acordos simplesmente levam ao fim de uma crise, enquanto outros marcam o início de uma nova era nas relações de poder. O recente acordo entre a República Islâmica do Irã e os Estados Unidos, assinado após meses de tensão, guerra e intensas negociações, enquadra-se nesta categoria. Embora a assinatura de um documento político por si só não garanta uma paz duradoura, pode sem dúvida ser um ponto de virada na transformação da ordem de segurança do Oriente Médio, que se formou ao longo das últimas décadas com base na dissuasão militar, na competição geopolítica e na desconfiança mútua.

A principal questão agora não é se a guerra acabou, mas se o Irã e os Estados Unidos podem transferir sua custosa rivalidade do campo de batalha para o âmbito da política, da economia e da diplomacia. A resposta a esta questão afetará não só o futuro das relações

entre os dois países, mas também a segurança da região, o mercado global de energia e até mesmo a economia internacional.

O que distingue este acordo das experiências passadas são as condições que levaram as duas partes à mesa de negociações. Ao contrário de muitos acordos anteriores que foram formados em uma atmosfera de pressão unilateral ou superioridade relativa de uma das partes, desta vez as negociações ocorreram após um confronto direto e custoso, o que mostrou que a continuação da guerra não era uma opção de baixo custo nem para o Irã, nem para os Estados Unidos, nem para Israel e nem para a economia global.

Se tomarmos como critério de avaliação os objetivos anunciados no início da guerra de junho de 2025, podemos ver que muitos desses objetivos não estão refletidos no texto do acordo final. Nos primeiros meses da crise, alguns funcionários americanos e israelenses falaram sobre mudar fundamentalmente o comportamento do Irã, limitando de forma abrangente sua capacidade de dissuasão, enfraquecendo sua influência regional e até mesmo fazendo mudanças fundamentais nas equações internas do Irã. Mas o que se tornou a base das negociações de 60 dias hoje se concentra principalmente no dossiê nuclear, nos mecanismos de verificação e na suspensão gradual das sanções, a mesma estrutura na qual o Irã insistiu desde o início e afirmou repetidamente que as questões de defesa e segurança nacional estariam fora da agenda das negociações.

Este desenvolvimento, da perspectiva da teoria do equilíbrio de poder, representa uma mudança nos cálculos estratégicos, e não uma “vitória absoluta” de um dos lados. Quando as partes se afastam dos objetivos máximos e chegam a um ponto em que o custo de continuar o confronto supera o custo do compromisso, um novo equilíbrio é formado. Nesse contexto, pode-se dizer que o Irã conseguiu manter parte de seus objetivos estratégicos e levar o outro lado a aceitar uma estrutura mais próxima das demandas de Teerã.

Enquanto isso, três fatores desempenharam um papel decisivo na mudança desses cálculos.

O primeiro foi a capacidade de dissuasão de mísseis do Irã. A experiência desta guerra mostrou que a capacidade de mísseis do Irã não era mais apenas uma ferramenta defensiva, mas um componente decisivo nos cálculos de segurança da região. Qualquer expansão da guerra poderia ameaçar infraestruturas críticas, bases militares, linhas de transmissão de energia e centros econômicos, aumentando significativamente o custo de decidir pela continuação do conflito.

Em segundo lugar, havia a importância estratégica do Estreito de Ormuz. Independentemente do grau em que a travessia foi restringida na prática, era evidente que

qualquer perturbação na sua segurança poderia causar flutuações no mercado global de energia, transporte marítimo, seguros internacionais e preços do petróleo. Este fato não era apenas uma ferramenta de pressão para o Irã, mas também um aviso à economia global de que a segurança do Golfo Pérsico continuava a ser um dos pilares da estabilidade econômica internacional. Consequentemente, muitas grandes potências e até mesmo países consumidores de energia apoiaram uma solução política em vez de agravar a crise.

O terceiro fator foi a coesão social do Irã em tempos críticos. Ao contrário de algumas previsões de que a pressão militar e econômica conduziria a divergências internas, um segmento importante da sociedade iraniana uniu-se na defesa da segurança nacional e da integridade territorial do país. Esta solidariedade, independentemente das opiniões políticas, transmitiu uma mensagem clara aos atores estrangeiros: a segurança nacional do Irã é maior do que as rivalidades entre fações. Este fato foi uma das variáveis que desempenhou um papel na revisão dos cálculos estratégicos do outro lado.

No entanto, se esses três fatores tornam o Irã bem-sucedido na fase de “dissuasão”, a próxima etapa exige uma lógica diferente. O país está entrando em um período em que confiar apenas no poder coercitivo não será mais suficiente. A competição do futuro será moldada mais nos campos da economia, tecnologia, investimento, inteligência artificial, segurança cibernética, diplomacia regional e *soft power* do que no campo militar.

Vale mencionar que este acordo não pode ser considerado o mesmo que o acordo nuclear de 2015 ou mesmo os acordos de Argel e Camp David. O JCPOA foi produto da diplomacia para prevenir a guerra e o desenvolvimento de armas nucleares, mas o acordo atual é resultado direto da guerra e da dissuasão mútua. O acordo de Argel encerrou a crise dos reféns e Camp David interrompeu a guerra entre Egito e Israel, mas o acordo atual é formado sob condições em que os objetivos estratégicos dos Estados Unidos não podiam impor as condições do desfecho da guerra. A principal base do acordo atual não é a confiança, mas um equilíbrio de custos e benefícios. Essa diferença é tanto a sua força quanto sua maior vulnerabilidade, pois qualquer mudança nesse equilíbrio pode desafiar a sua implementação.

Dessa perspectiva, o maior teste do Irã começará não no campo de batalha, mas na era pós-acordo. O acordo abre portas para oportunidades, mas atravessá-las exige decisões que possam transformar a dissuasão militar em poder econômico, científico e social. O Irã pode consolidar sua posição na nova ordem regional. Caso contrário, mesmo os melhores acordos políticos não podem garantir o desenvolvimento sustentável por si só.

Nesse contexto, devemos também observar as posições das autoridades dos dois países. A ênfase do presidente iraniano na preservação da dignidade nacional, as observações do

porta-voz sobre o papel da resistência e da dissuasão, e as declarações do presidente e do vice-presidente dos EUA sobre a necessidade de pôr fim a uma guerra custosa, embora pareçam divergir politicamente, têm algo em comum: todos reconhecem que continuar no caminho do passado custará mais do que suas conquistas.

Mas talvez a questão mais importante não seja o fim da guerra, mas o futuro do acordo. Será que os EUA adotarão uma abordagem mais sustentável desta vez? Conseguirá o Irã aproveitar esta oportunidade para fortalecer seu poder nacional? E a região entrará em um período de cooperação, ou a forma de competição simplesmente mudará?

As respostas a essas perguntas determinarão o futuro do Oriente Médio...

---

*\*Ghadir Golkarian é pesquisador e autor iraniano radicado na Turquia e no Chipre. Nasceu em Tabriz, Irã, em 1964. É acadêmico especializado em Ciência Política, Literatura Oriental e Linguística e professor universitário de relações internacionais. Como analista político, escreveu artigos para a BBC, Euro News Persian, Cyprus News e Asr Azadi Online, entre outros. Suas áreas de especialização abrangem o programa nuclear do Irã, as relações Irã-Israel, literatura persa e turca e política do Oriente Médio.*

---